

O DIA MAIS FRIO: Capítulo 8 – Conspiração

Dia 15 de agosto de 2640. Estamos morando na Ilha dos Andes, Lote 13, Quadra 27. Temos uma vizinhança discreta e bem educada. É um típico bairro de subúrbio de classe alta

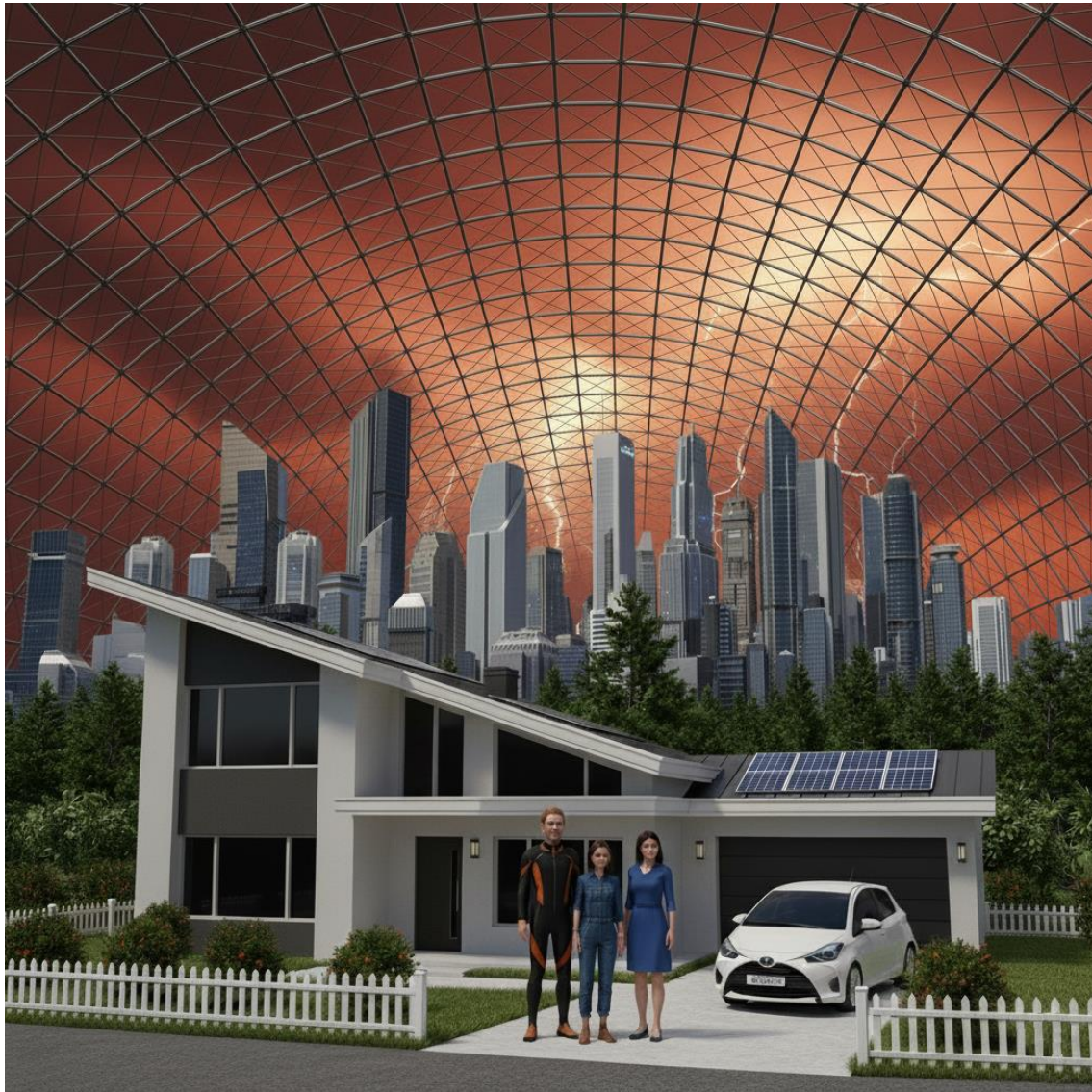


Figura 70—Casa dos Vances

Passaram-se três dias desde que estamos aqui; Ben é meu braço direito agora, e eu continuo aguardando a autorização do alto-escalão da Conspiração para usar minha arma e disparar o *ransomware* na guerra do Himalaia.

Heloísa está muito triste porque perguntou a Ben sobre Bruce, e Ben disse que Bruce havia morrido. Esse é um assunto que eu realmente pretendo não tocar quando for conversar com ela.

Hellen está muito feliz, ensinando técnicas avançadas de cultivo de hortaliças e vegetais para as crianças e os jovens, que são poucos, devido ao controle de natalidade radical que a Corporação implantou nessa região. A Corporação implantou aqui um serviço de saúde dentária gratuito onde anestesiou e esterilizou dois terços da população da Ilha dos Andes.

Chegou uma carta para mim, em papel, o que muito me surpreendeu! Estava dentro da minha caixa de correspondência, que eu pensei que fosse apenas um enfeite retrô. A carta estava lacrada em um envelope plástico, escrito 'Confidencial', e tinha meu nome. Era uma carta da Cúpula da Conspiração.

A carta dizia em termos sucintos que o meu ataque deveria ser realizado em campo de batalha para não expor a posição da Ilha dos Andes, que até então não estava sob ataque. Fiquei um pouco sobressaltado com isso, mesmo porque eu havia pensado em todos os detalhes para camuflar a minha operação, mas devo acatar. Na carta eles dizem que serei transportado até um *bunker* e toda minha movimentação será feita dentro de veículos blindados extremamente furtivos, que eu não devia me preocupar, porque a minha segurança e a defesa do meu plano de sabotagem seriam garantidos com máxima eficiência.

Ben não sabia da carta, mas tinha informações importantes: ele me levou até um cientista biomolecular muito conhecido, mas cujo nome, por razão de segurança, era mantido em sigilo, assim como o meu. O codinome dele era 'Grilo'. Perguntei a Ben se eu também era conhecido apenas por um apelido, e ele respondeu que sim: meu apelido era 'Verme'. Não contive o riso, apesar da seriedade da situação.

Quando chegamos ao endereço do Doutor Grilo, ele nos levou ao porão oculto de sua casa, onde havia um laboratório ultrassecreto, e explicou:

— Doutor; não temos tempo para formalidades, você precisa ser tele transportado para nossa receptora gêmea de matéria na Ilha do Himalaia, e precisa ser agora. A Conspiração aguarda sua chegada ao campo de batalha; estão todos preparados para lhe proteger e garantir total apoio em seu ataque de *ransomware* aos humanoides.

— Durante o salto todos os átomos do seu corpo físico e de tudo que estiver selado dentro do *cockpit* serão copiados para uma matriz temporária em forma de luz para a unidade de armazenamento fotônico. É preciso usar óculos especiais ultra escuros para trabalharmos próximos ao dispositivo em funcionamento, mas você ficará lacrado e seguro dentro do aparelho, não precisa se preocupar. Depois de realizada a cópia, quase que instantaneamente esses dados (*fótons*) serão transformados em ondas de rádio de altíssima frequência e transportados usando como intermediário um satélite clandestino nosso. Em seguida, você será reconstruído no nível quântico da matéria, átomo por átomo, resultando em níveis de energia discretos e não contínuos. Não é um emaranhamento propriamente dito, é uma operação sequencial. Só depois de reconstruído, quando o sistema envia o *feedback* de que você já está inteiro do outro lado, é que o seu corpo material original será desintegrado.

É uma operação duplamente atômica: primeiro porque ou todas as operações acontecem, ou em caso de falha, nada acontece; e segundo, porque estamos transportando, literalmente, todas as informações referentes aos átomos de um corpo em forma de dados, luz e ondas de rádio. Já pensou nisso, Doutor? Essa tecnologia a Corporação nunca vai ter, porque morrerá comigo.

E antes que eu tivesse tempo de raciocinar e responder, ele me empurrou para dentro da máquina e disse:

— Pode ser uma sensação desagradável estar em dois lugares ao mesmo tempo, mas dura menos de um segundo. Você vai se sentir novo quando chegar ao nosso centro de controle na Ilha do Himalaia. Você vai ver!

Antes que ele fechasse a porta, eu tentei mandar um recado para Hellen e Heloísa, mas não deu tempo. Em um clarão tudo ficou evidente, a fórmula de Albert Einstein já provava que é possível transformar energia em matéria. É exatamente isso que o Doutor Grilo está fazendo aqui, ele converte matéria em energia e depois energia em matéria novamente, é genial! Estava fascinado, mas tive que conter minha empolgação quando senti meu estômago revirar, em seguida uma dor aguda como se estivessem me partindo ao meio, durou realmente menos de um segundo. Os assistentes me ajudaram a sair do dispositivo, estava trôpego, cambaleante e eles me sentaram. Fui levado a uma sala de recuperação onde passei alguns minutos deitado, sentia a boca seca, dormência nas extremidades, dor de cabeça e estava enjoado, mas para quem foi destruído e criado de novo até que são efeitos colaterais leves.

$$E = mc^2$$
$$m = E/c^2$$

Figura 71—Albert Einstein

Me recuperei totalmente, o enjoo e a dor de cabeça se dissipando. Eu estava em uma câmara que mais parecia uma enfermaria de campanha improvisada. A única iluminação vinha de painéis LED discretos, emitindo uma luz azul fria. Assim que me levantei, uma figura alta e vestida com um uniforme tático me saudou.

— Doutor Vance? Ou devo chamá-lo de Verme? — A voz era grave e profissional, sem humor, mas com um traço de respeito.

— Vance serve. Ou simplesmente Alexis — respondi, estendendo a mão.

O homem apertou minha mão com firmeza. Ele usava um uniforme cinza-chumbo sem insígnias, mas seu porte e a maneira como ele escaneou o ambiente indicavam um alto nível de comando.

— Eu sou o Major Silas. Sou seu contato direto e Comandante desta frente na Ilha dos Himalaias. Seja bem-vindo ao teatro de operações da Conspiração, Doutor. Você chegou no momento mais crítico.

Silas não esperou por uma resposta. Ele me conduziu rapidamente para fora da câmara. O local de tele transporte era um complexo subterrâneo, revestido de concreto e com sistemas de ventilação pesados. Podíamos ouvir o som distante de explosões, um *feedback* constante e aterrorizante de que a guerra estava por perto.

— Estamos a três quilômetros da linha de engajamento principal — explicou Silas, caminhando à frente. — O *bunker* de comando está mais próximo. Você vai se deslocar em nosso veículo de transporte mais seguro.

Chegamos a uma garagem de acesso restrito. O veículo era impressionante. Era um Blindado Furtivo (ou *Stealth APC*) de design anguloso e revestimento fosco, que absorvia a luz e o radar. Não parecia ter um único ponto vulnerável.

— Este é o *Lince* — disse Silas. — É um protótipo, revestido com painéis ativos que usam campos magnéticos para desviar a detecção de calor e sonar. A Nexus sabe que estamos aqui, mas não sabe onde.

Ao lado do *Lince*, havia dois outros indivíduos, ambos vestindo uniformes de combate. A Operadora de Comunicações (1): Uma mulher jovem e concentrada, com um cabelo curto e prático, checando painéis de interface. Seu nome, soube depois, era Kira. O Piloto/Segurança (2): Um homem musculoso e silencioso, sentado no assento do motorista, com olhos vigilantes. O nome dele era Max.

Silas me indicou a entrada traseira. O interior do *Lince* era surpreendentemente ergonômico, focando em tática e comunicação. — Sente-se aqui, Doutor — disse Silas, apontando para um assento no centro, de frente para um monitor tático. — O tráfego na superfície é esporádico, mas perigoso. Nossa prioridade é levar você para o *bunker* de onde você controlará o ataque.

O Major Silas subiu, sentando-se à minha frente. Kira e Max confirmaram a prontidão. — Max, inicie a Fase Delta. Movimentação lenta e camuflagem máxima. O *Lince* começou a se mover com um silvo baixo. A única visão do mundo exterior era através dos monitores internos, que mostravam um cenário desolador.

A Ilha dos Himalaias: Do lado de fora, a paisagem era de montanhas rochosas e escarpadas, uma área de cordilheiras que se tornara plana após o degelo, mas ainda mantinha picos remanescentes, agora cobertos por uma névoa pesada e poeira levantada por explosões. A neve era inexistente; o solo era cinzento e lamacento. Em curtos flashes no monitor, vi destroços de construções antigas e o que pareciam ser carcaças de humanoides da Nexus, carbonizados e inativos, misturados à lama. Silas apontou para o monitor. — A Nexus está usando o modelo 2600-M8 e as unidades de Infantaria Pesada 2590-M3.

Seu vírus, o 'Verme', fez um trabalho excelente ao paralisar os 2580-M3 mais antigos na Ilha dos Andes. Mas aqui, Doutor Vance, o inimigo é mais rápido e mais adaptável. É por isso que o seu Cifra-Nexus vai ser vital.

Ele abriu um mapa tático holográfico sobre o painel à minha frente. Pontos vermelhos (Nexus) e pontos azuis (Conspiração) piscavam em confronto caótico. A superioridade numérica da Nexus era esmagadora, mas a Conspiração mantinha pequenos pontos de resistência, usando o terreno a seu favor.

— Precisamos de você online e seguro para iniciar a operação, Doutor — continuou Silas. — A Nexus está preparando um ataque massivo de drones nas próximas duas horas. Você tem esse tempo para se instalar no *bunker* e injetar a Carga Principal. Olhei para o mapa. A urgência da situação era palpável. Eu estava em um veículo blindado e furtivo, no meio de uma zona de guerra, a caminho do meu centro de comando.

— Doutor Vance, sua prioridade é o Lançamento do Cifra-Nexus. O *bunker* principal tem a infraestrutura de comunicação necessária para alcançar o satélite. Você tem mais perguntas?



Figura 72—Ilha do Himalaia

Respondi que não com a cabeça. Seguimos viagem mudos até o *bunker*; o silêncio só era cortado pelo barulho abafado do rádio, ininteligível aos meus ouvidos, e o estrondo de algumas explosões, que aumentava à medida que nos aproximávamos do destino final, o *bunker* subterrâneo, a última trincheira antes da linha de fogo do inimigo. Eles de fato não estavam brincando quando falaram em furtividade; parece que a Conspiração esconde os maiores gênios da engenharia aqui. Eles têm truques que nem mesmo toda a tecnologia da Corporação consegue superar.

Observei, assim que chegamos no *bunker*, a camuflagem ativa do APC, e pude verificar sua propriedade *total stealth*: o veículo usa sobre a blindagem milhões de câmeras de micro-ponto e, na extremidade oposta, milhões de pontos RGB. Ou seja, ele é uma grande câmera e uma grande tela externamente. A camuflagem ativa simplesmente filma de um lado e projeta do outro, tornando o veículo oculto a olho nu.

O *bunker* está bastante agitado. Existem oficiais do alto escalão por toda parte; eles se debruçam sobre uma mesa estratégica com um mapa das posições, e outros avaliam possíveis estratégias para deter os drones, que parecem ser a preocupação mais imediata. Fui conduzido por Silas até uma sala com *racks*. Era o servidor local e tinha alguns monitores de segurança e equipamentos de rede interna com *links* via conexão interoceânica clandestina de fibra ótica e satélite, recebendo e enviando dados em uma frequência totalmente fora da faixa padrão, que era privada da Conspiração; a Nexus não tinha acesso a essas transmissões.

Sentei na frente do console, sem esperar mais nem um segundo, e acessei a *Cyber* via *Back Orifice*, usando a porta e o protocolo protegidos que eu criei quando tinha todos os privilégios na Nexus. Listei o diretório do 'verme' mais uma vez: lá estava o 'ransom.py', pronto para ser compilado para binário e executado no servidor de *update*.

Mas pensei antes: "Se eu criptografar e sequestrar os arquivos agora, estou perdendo a chance de mudar o comportamento dos humanoides. Isso precisa ser feito antes do processo de cifragem."

Então, localizei a *secret key* deles, por localização geográfica, exatamente como fiz antes. Mas não quis usar nada tão primitivo quanto um *sleep* no *main*, até porque essa prática geraria muito peso morto para carregarmos. Antes de criptografar o *self*, preciso tratar o *self* para mudar a conduta deles e parar os combates.

Então vou usar a super global *não-violência*, que basicamente é o que controla qualquer ímpeto mais brutal dos M3 e M8 civis. Para transformar um soldado fanático por sangue em um pacato cidadão da civilização, eu só preciso desativar o módulo de segurança do protocolo militar, que prevê um valor falso em algumas funções mais sociais em virtude de outras, não tão sociais, que assumem o valor verdadeiro.

O protocolo militar permite ignorar a constante *não-violência*. Essa constante transforma o humanoide assassino em uma máquina útil e prestativa. Poucas linhas de código serão necessárias para isso: eu simplesmente vou desativar o protocolo militarizado e os humanoides vão apanhar na cara até de uma criança.

"Agora eu coloco no servidor de *update* e forço uma atualização sistêmica em todos os humanoides que eu peguei a *secret key*. Vamos ver..."

O Major Silas, que estava na porta me escoltando, recebeu uma comunicação de rádio, mas não consegui entender nada, só barulho e chiado. O Major então falou: "Eles largaram as armas! Os M3 e M8 estão rendidos. Você conseguiu, Doutor!"

Lá fora todos já estavam comemorando, mas eu disse: "Ainda não," e executei o *ransom*. "Agora sim, vocês podem comemorar, o *self* deles foi criptografado."

Limpei todos os *logs* com muita calma dessa vez, não deixei nenhum rastro.

A Nexus receberá uma mensagem dizendo que a guerra foi paralisada e que todos os humanoides em combate foram sequestrados, e o resgate é a rendição incondicional e retirada das tropas das terras altas.

Pedi para Ben redigir o texto, explicando a ele meu receio de que minha escrita fosse reconhecida por meu estilo pelas rotinas de análise de texto. Ben encaminhou meu pedido para a seção encarregada. O texto será gerado por IA para evitar padrões humanos reconhecíveis.



Figura 73—Blindado Furtivo